

**MANIFESTO: POR UMA POLÍTICA DE NÃO  
DESPOLITIZAR CORPOS (DAS CIÊNCIAS)****MANIFEST: FOR A POLICY OF NOT  
DEPOLITIZING BODIES (OF SCIENCES)****MANIFIESTO: PARA UNA POLÍTICA DE CUERPOS NO  
DESPOLITIZANTES (DE CIENCIAS)**

*Alexandre Luiz Polizel<sup>1</sup>*

**Resumo.**

O presente manuscrito-manifesto tem por objetivo traçar considerações acerca de uma política de não despolitizar os corpos (das ciências). Este consiste em um ensaio modalizado por contribuições-conceitualizações Nietzscheanas, Foucaultianas e Latourianas. O mesmo trata-se de uma crítica as dicotomias que instituem as ciências modernas convidando a uma epistemologia política de não dicotomização. Para tal, apresenta-se indagações e explanações em quatro eixos: a) Ensino? Ciências?; b) Ciências sócio-naturalizadas e o (res)sentir; c) Ciência e políticas: saúdes e adoecimentos; e d) Quase-Ensinos; Quase-Ciências.

**Palavras-chave:** Educação; Ensino de ciências; Filosofia da Educação; Epistemologia Política.

**Abstract.**

The present manuscript aims to outline considerations about a policy of not depoliticizing bodies (of sciences). This consists of an essay modeled by Nietzschean, Foucaultian and Latourian contributions-conceptualizations. The same is a criticism of the dichotomies that institute modern sciences inviting a political epistemology of non-dichotomization. To this end, questions and explanations are presented in four areas: a) Teaching? Sciences?; b) Socio-naturalized sciences and feeling (res); c) Science and policies: health and illness; and d) Quasi-Teachings; Quasi-Sciences.

**Keywords:** Education; Science teaching; Philosophy of Education; Political Epistemology.

**Resumen.**

El propósito de este manifiesto-manuscrito es esbozar consideraciones sobre una política de no despolitizar cuerpos (de ciencias). Consiste en un ensayo modelado por las conceptualizaciones-contribuciones de Nietzschean, Foucaultian y Latourian. Lo mismo es una crítica a las dicotomías que instituyen las ciencias modernas que invitan a una epistemología política de la no dicotomización. Para ello, se presentan preguntas y explicaciones en cuatro áreas: a) ¿Enseñanza? Ciencias? b) Ciencias y sentimientos socio-naturalizados (res); c) Ciencia y políticas: salud y enfermedad; y d) cuasi-enseñanzas; Cuasi-ciencias.

**Palabras clave:** educación; Enseñanza de ciencias; Filosofía de la educación; Epistemología Política.

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática - Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina, PR - Brasil. Professor líder do GEPENC - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Curitiba, PR - Brasil. E-mail: [alexandre\\_polizel@hotmail.com](mailto:alexandre_polizel@hotmail.com)

## 1 Saturnais

Este ensaio é derivativo de uma investigação maior intitulada “*Corpos e bio-virtualidades: pedagogia do Eu no vale dos homossexuais*”, desenvolvida tendo como fio condutor pensar os ensinamentos de ciências na contemporaneidade. Como ensaio situamos um olhar analítico de escrita-criação sob uma óptica de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), como conceptualização filosófica que convida o pensamento a se manifestar, a movimentar-se.

A movimentação escrita deste texto mobiliza máscaras produzidas como tessituras, emaranhados, um conjunto de linhas de força que produzem uma aparência e que alguns chamariam de realidade, outros de formas de perceber o mundo nas experiencialidades; os adoecidos diriam que é mera relativização (NIETZSCHE, 2013).

Quanto mais máscaras são produzidas, maior a amplitude de participantes nas mascaradas e nas redes. Todavia, para a produção das mesmas, é-se preciso estímulo, interesses, intensidades e um desprendimento que nos leva a atos criativos para que elas aconteçam, sejam fabricadas e passem a ganhar vidas-corporalidades e compor festivais, saturnais<sup>2</sup> (NIETZSCHE, 1974; 2013). Meu estímulo para a produção deste ensaio, voltou-se aos corpos específicos dos ensinamentos de ciências e dos estudos culturais.

Faço isso em homenagem e pela inquietude ao questionamento que me foi direcionado pela saudosíssima professora<sup>3</sup>: “Mas, e o ensino de ciências?”. Frase que me marcou, anotei em minha agenda e levei ao Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educações... Pelos relatos de meus colegas e do coordenador do grupo não fui o primeiro membro a experimentar tal inquietação e, assim, seria necessária uma ampla reflexão a esse questionamento.

Como um apaixonado pelos corpos, compreendo as ciências como *corpus*, ou melhor, um conjunto de sensações e perceptos, não organizados pela interpelação da razão (DELEUZE; GUATTARI, 1997) que se tornam corporificadas. Para Friedrich Nietzsche (1974; 2007a) e Michel Foucault (1986; 2005; DELEUZE; 2005), um corpo encontra-se sempre em constituição, produção, (re)compondo-se e se decompondo à medida que se torna enunciável. Essa enunciação dar-se sempre em processos históricos, localizados, atravessados, sendo produzidas e produtoras das-nas práticas culturais. Logo, todo processo de enunciação, é atravessado pelas sensações, pelas nossas experiencialidades, sendo que essas dão-se conforme nosso corpo, é atravessado por linhas de poder, linhas de força afectado por elas (LATOURE, 2008). Tais enunciações são contingentes às questões históricas, políticas, culturais, tendo uma

---

<sup>2</sup> Saturnais consistia num festival da Roma antiga em honra ao Deus Saturno, apresentando dinâmica carnavalesca e jogos de trocas identitárias nas relações de senhoril e escravo.

<sup>3</sup> Demarca-se que o questionamento da Professora foi realizado com o intuito de mobilizar o pensamento e de fortalecer as bases teóricas que subsidiem trabalhos de pesquisa desenvolvidos no olhar da *Epistemologia política* e das *Filosofias das diferenças* em um Programa de Pós-graduação em Ensino de ciências e Educação Matemática. O convite então é correspondido neste formato de ensaio, a fim de trazer *substratum* para trabalhos futuros e modalizar Outros a essa base epistemológica.

atenção centralizada nas relações de que tais enunciações se dão nos jogos de linguagem – construção e desconstrução, relação de diferença – que se cria no dito e no não dito. Portanto, a enunciação se articula às práticas discursivas, tais discursos – e enunciados – não são apenas falas e sensações, são práticas, geram efeitos, significam, nomeiam sujeitos, escolhem quem entra ou quem sai do jogo do dito e do não dito.

Por conseguinte, as linhas de forças atravessam os corpos no mesmo íterim que afeta, produz sensações, efeitos, sintomas. Deste modo, linhas de forças atravessam os corpos no mesmo íterim que afeta, produz sensações, efeitos e sintomas. Quando penso os corpos (corpus) das ciências, penso, também, em decompô-los em uma trajetória afirmativas e volto a pergunta a mim proferida para responder: “Sim, interessamo-nos pelos ensinamentos de ciências”. Os sentidos dados a essa resposta – considerações apresentadas que constituem o objetivo deste ensaio – são pensados nas linhas que seguem e com outras indagações, sendo elas: a) Ensino? Ciências?; b) Ciências sócio-naturalizadas e o (res)sentir; c) Ciência e políticas: saúdes e adoecimentos; e d) Quase-Ensinos; Quase-Ciências.

## **2 Ensino? Ciência?**

Acredito que ao pensarmos os corpos dos “ensinos de ciências” já nos colocamos a pensar uma composição, ou seja, um conjunto de associações que envolvem critérios de delimitação, epistemologias, técnicas e tecnologias que instauram o campo. Talvez, seja possível desmembrá-la e pensar os ensinamentos e as ciências<sup>4</sup>.

A ideia de uma Ciência e de Ensino de Ciências são configurações que mascaram saberes eleitos, estáveis e demasiados, porque são redes que se constituíram em forças que estão acima de nós e em campos de saberes essencializados (LATOURETTE, 2011; 2012; 2013a; 2017; NIETZSCHE, 2007c; 2012), com teorizações, quadro de referências próprios e com objetivos de instituir localidades de onde se fala e se interpreta o mundo, um território (FOUCAULT, 1999; NIETZSCHE, 1974; 2017b). Nesses quadros, a essencialização dos saberes é postulada.

Tal movimento de essencialização dos saberes incorre no perigo de acreditarmos que as coisas, as explicações, as áreas do conhecimento são supra-humanas. Situadas nesses territórios que visam a essência das coisas, tornam-se entidades transcendentais e distantes das experiências humanas e não humanas. É nesse processo de essencialização da Ciência e do

---

<sup>4</sup> Percebamos, no escopo deste manuscrito, é realizado um jogo: Ciência e ciências, Ensino e ensinamentos... Nesse jogo de palavras opera em uma separação de campos de saber. A Ciência, Ensino, Pedagogia, Verdade... são trazidas ao texto no singular e em letras maiúsculas. Estas representam uma tentativa desesperada da episteme moderna de constituir um campo uno, de uma Verdade Maior, institucionalizada, moralizada e hierárquica. As ciências, ensinamentos, pedagogias, verdades... operam em outra perspectiva, essas dão-se com o reconhecimento da pluralidade de modos de produzir estes campos de saberes, com singularidades, diferenciações, sem pretensão de ser uma e hierárquica, mas sim reconhecendo que essas são produções culturais que se dão de acordo com as práticas culturais e critérios de demarcação desta constituição de saberes-poderes-verdades. Bruno Latour (2011, 2012, 2013, 2017) faz tal leitura tratando as Ciências – e outros campos de saberes – com “C” maiúsculo e as ciências com “c’s” minúsculos. As perspectivas da filosofia da diferença (NIETZSCHE, 1974, 2007b, 2007c, 2012, 2016, 2017b; DELEUZE, 1976; DELEUZE; GUATTARI, 1997) encontrarão tal perspectiva com o que chamarão de Ciência maior e ciências menores.

Ensino que cria-se o dualismo: de um lado o humano não importaria ao mundo, o mundo continuar-se-ia existindo, pois cada coisa tem uma essência que a confere como ser em relação aquilo que ela não é, inclusive o humano; em contraponto, outros bradam por humanos sem mundos, em que as essências encontrar-se-iam em uma localidade transcendental e os humanos constituiriam o mundo no processo de tomada de consciência via experiências.

Destarte, a composição de essências localizadas no transcendental e/ou nas coisas, instaura um modelo no qual “[...] há um corpo, correspondente a um sujeito; há um mundo, correspondente aos objetos; e há um intermediário, correspondente à linguagem que estabelece ligações entre o mundo e os sujeitos” (LATOURETTE, 2008, p.41). Nesse sentido, o corpo encontrar-se-ia definido em essência, ou no mundo ou na experiência, não seria necessária uma aprendizagem e um ensino para sua existência. O corpo, então, em sua essência, encontrar-se-ia atribuído ou a Natureza, ou a incorporação subjetiva das coisas. Dois fantasmas, incorpóreos, soltos, aterrorizantes e ao mesmo tempo em que nos acorrentam às possibilidades de pensar que: “Ou temos o mundo, a ciência, as coisas, e não temos sujeito; ou temos sujeito e não temos o mundo, aquilo que as coisas são realmente” (LATOURETTE, 2008, p. 42). Neste olhar, um corpo da Ciência existe, e não sendo necessária aprendizagem para tal; de outro perspecto à Ciência, só existe enquanto é ensinada e aprendida.

Esse mesmo cenário que demarca Natureza x Sujeito – Ciência X Ensino – é o que instaura também a dualidade corpo-mente. Dualidades que apelam aos determinismos (mesmo que com certa pretensão de flexibilidade) sob a lógica operante do pensar que existem essências – transcendentais ou nas coisas – e, estas podem ser acessadas pela Ciência que descobriria, acessaria as qualidades primárias das coisas. Para a Ciência caberia o acesso ao conhecimento “Verdadeiro”; ao Ensino, ao desenvolvimento de modos de organizar, transmitir e avaliar sobre a absorção do saber. Institui-se, assim, uma tradição valorada (SILVA, 2015), uma Cultura eleita como condutora de modos de conduta, impressas sob uma lógica catequética, como diria Friedrich Nietzsche (1974). Tal lógica catequética consiste na elaboração de uma cartilha a ser seguida à risca, mandamentos deixados pelos corpos transcendentais, mandamentos esses que renunciam todo modo de existir diferentes do delineado como imorais, pecadores, não pertencentes ao Corpo maior de onde derivam as coisas. Ou seja, o que escapa dos mandamentos catequéticos, as ciências e ensinos menores<sup>5</sup>, não seriam interpretadas nem como ciências, nem como ensinos, tão pouco como ensinos de ciências.

Não tenho interesse em tratar esses modos de pensar a Ciência e o Ensino como inválidos, vejo que estes modos constituem técnicas e modos de construção de conhecimentos

---

<sup>5</sup> As ciências e ensinos menores são aquelas que permanecem menores em sua criação, marginais, sem ser erigida como modelo. Essas apresentam quatro modelos: a) Baseia-se na teoria dos fluxos, não na teoria dos sólidos, dando-se em movimentos acontecimentais; b) Centra-se no reconhecimento da heterogeneidade da ciência e do devir, dado no encontro com a diferença e com o nunca tornar-se produto; c) Opera na perspectiva do turbilhonar, sempre em movimentação, sempre na caoticidade, sempre híbrida; e d) Encontra-se em uma perspectiva problemática, centrada na afecção. As ciências e ensinos menores não têm por pretensão tornar-se um modelo a ser seguido e repetido – ao contrário da Ciência e Ensino maior, com “C/E” maiúsculo, que tem tal pretensão (DELEUZE; GUATTARI, 1997; GALLO, 2016).

no que tocam a interpretação da realidade. Estes fomentam determinada esperança por um mundo melhor, mesmo que este mundo se encontra em outro plano – em um plano metafísico, transcendental (NIETZSCHE, 2012). Ciência e Ensino que produzem ferramentas, instrumentalizações, que partem de premissas para o desenvolvimento e aprimoramento de seu pensar, com seu enfoque funcional.

Todavia, tenho interesse em tratá-los como frios e endurecedores, cristalizadores de modos de existência<sup>6</sup> que nos impedem de pensar uma multiplicidade (NIETZSCHE, 2007a; 2007b; 2012; LATOUR, 2011; 2012; 2017). Se os considero dessa forma, é pelo fato dessa corrente de pensamento produzir dicotomias que são penosas para pensar ciências capazes de criar como os binômios, Natureza e Sociedade, Ciência e Política, Construção e Realidade, Ensino e Ciência. Ideais centrados em letras *MAIÚSCULAS*, que consideram estes agrupamentos como estáveis, prontos e acabados, uma face velha de Janus (LATOUR, 2011; 2012; 2013a; 2017), centrados em uma “Cultura” eleita (NIETZSCHE, 2007a; 2007c; 2009) e, em um quadro de referências pautado em regimes de verdades que naturalizam, socializam, produzem discursividades e esquecem as processualidades (LATOUR, 2013a; FOUCAULT, 1986; 1999; NIETZSCHE, 2007b) e, desta maneira instituem a Verdade, buscam hierarquizá-la como única e verdadeira. Bradam: *Esta é a verdade, e ela vos libertará!*

Prefiro, então, martelar essa Ciência, assim como Ensino, hegemônicos, (NIETZSCHE, 2017a), fraturá-los, trincá-los, a fim de criar espaços vazios e abertos à exploração, tornar as ciências interessantes, vivos, pulsantes e múltiplos: abertos às diferenças e sensibilidades, às práticas culturais que são constituição e constituinte dessas. É a estas ciências que Bruno Latour (2017) recorre ao pensar as ciências como plurais, com c minúsculo, em produção, nunca acabada, sempre aberta e (de)compondo-se. Se as ciências se tornam múltiplas, os ensinamentos de ciências também são tornados proliferações, diferenças e multiplicidades. Desta forma, o corpo das ciências, dos ensinamentos de ciências, faz-se plurais. Tornam-se células totipotentes. Abrem-se as saturnais para o uso de diferentes e diversas máscaras.

Todavia, para isso, é preciso martelar as dicotomias (Natureza e Sociedade, Ciência e Política, Construção e Realidade, Ensino e Ciência), que colocam as ciências em potes de formol e as rotulam. Com tais marteladas esperamos produzir rachaduras, sendo possível que as singularidades e diferenças proliferem.

Tal percepção importa, ou este é um convite para que passe a importar, aos ensinamentos de ciências, ao passo que convida três movimentações do olhar daqueles que os colocam em operações: i) é preciso perceber que a Ciência e o Ensino de Ciência operam como um dispositivo e um modo de localizar o olhar, não é o único, apresenta seus elementos de produção

---

<sup>6</sup> Bruno Latour (2012; 2013b) aponta que o pensar em modos de existência é instigar a pensar que a existência existe apenas à medida que é composta, que articula entre atores humanos e não humanos. Estas articulações dão-se nos jogos discursivos e modos de conceber as relações de saberes-poderes-verdades. Os modos de existência nesse sentido são plurais – devido a isso refere-se a um pluralismo ontológico e a uma ontologia múltipla –, e pensar na existência é assim refletir como tais composições dão-se nos jogos discursivos e compreendê-las em suas singularidades, diferenças, em seus modos de existir.



e reprodução, mas seus limites, esgotamentos e adoecimentos; ii) demanda-se que os ensinamentos de ciências sejam percebidos como possibilidades múltiplas, para além de uma ampliação nas possibilidades de recursos de “métodos” ou de “transposições didáticas”, mas na própria concepção das ciências, ensinamentos e ensinamentos de ciências; iii) é preciso compreender que tanto as Ciência-ciências e Ensino-ensinamentos emergem enquanto campo de saber e modo epistêmico-técnico de agir sobre o mundo, enquanto agências de criação de possibilidades (e não apenas de revelação-modelo, apesar deste ter se tornado o uso-concepção mais frequente na Ciência-Ensino-de-Ciência), enquanto demanda de outro(s) mundo(s), e talvez precisemos lembrar disso (e a memória e esquecimento é uma força ativa (NIETZSCHE, 1986)). Neste cenário reitero, é preciso marteladas para (re)lembrar e esquecer coisas, é preciso estar atentos aos dualismos para que sejam possíveis as (re)articulações. São algumas destas marteladas que pretendo lançar aqui, neste ensaio, provocando-os a lançar outras.

### 3 Ciências sócio-naturalizadas e o (res)sentir

Arrisco lançar marteladas na primeira dicotomia constituída a partir da ideia de uma Ciência. À medida que a Ciência requer para si a legitimidade e autonomia como campo de saber, essa se faz buscando desligar-se da espiritualidade, das religiosidades – ironicamente, este fazer-se requer a existência de uma religião – para que esta Ciência coloque-se como antirreligiosa, assim, ao invés de refutar os saberes religiosos, a Ciência afirma ainda mais as existências (NIETZSCHE, 2007a; 2012). Neste percurso, ao buscar estabelecer “Verdades” sobre a realidade, as Ciências apelam para a paradoxal dicotomia, rachando o mundo, dividindo-o, como Platão separa o mundo dos homens e o mundo das ideias, como Agostinho faz para as cidades dos homens e as cidades de Deus, a Ciência faz para o mundo humano e para a natureza (LATOURE, 2013a).

A produção binomial (Natureza e Sociedade, Ciência e Política, Construção e Realidade, Ensino e Ciência) tem sido investida – interessadamente – durante o emergir da modernidade. Bruno Latour (2013a) aponta que essa intenção se centra em quatro repertórios: “[...] o da naturalização, o da sociologização, o da colocação em discurso e, enfim, o do esquecimento do ser” (LATOURE, 2013a, p. 66). Esses princípios, em um pensamento que opera sobre uma lógica moderna, dão-se separadamente. Compreende-se que o natural é natural em si, é do mundo da Natureza; o social é social entre os homens, é da Sociedade; o Discurso é o modo intermediário para conhecer o que é da natureza e o que é do social; o Ser é esquecido para que exista uma Verdade, pois a Verdade está nas coisas em si, seja da Natureza ou da Sociedade.

Todavia, autores e autoras como Bruno Latour (2011; 2012; 2013a; 2013b; 2017), Isabelle Stengers (2002), Donna Haraway (1991; 1995; 2009), Timothy Lenoir (2004), Michel Foucault (1986; 1999; 2015) e Friedrich Nietzsche (2007b; 2007c; 2012), nos convidam a pensar que não existem dois mundos, mas apenas esse mundo que compomos e que funde a separação da natureza e da sociedade em suas lógicas político-seletivas de esquecimento.

Uso do exemplo de Bruno Latour (2013a), que nos pontua a produção da bomba de vácuo de Boyle, um artefato tecnológico produzido para “provar” a existência de um vácuo em si. Boyle tem por objetivo a prova da existência de um vácuo, algo do plano do Natural, via uma Ciência afastada da Política e da Sociedade, que existe sem a presença humana. Todavia, para tal descoberta lança mão de artefatos tecnológicos criados como tecnologias da humanidade: a bomba de vácuo, bomba que vazava e precisava a todo momento de cientistas e técnicos recalibrando-a; experimento desenvolvido em um momento da história, em um espaço-tempo... Outra investida é a de Hobbes, que busca sob uma explicação, que “evita” a transcendência para “provar” o Social, porém, cria uma entidade mítica transcendental para tal, seu *Leviatã*. Na busca por suas dicotomias “[...] Boyle possui uma ciência e uma teoria política; Hobbes, uma teoria política e uma ciência” (LATOURE, 2013a, p.22), ambos têm suas políticas de demarcação. Tais acontecimentos, mobilizam-nos a indagação: Seria possível pensar uma Natureza por meio de artefatos tecnológicos produzidos em sociedade? Seria possível pensar uma Sociedade, sem recorrer ao transcendente?

Friedrich Nietzsche (2007a; 2016; 2017b) nos diria que seria possível, de acordo com a seletividade dos produtores e dos que se beneficiaram dos saberes eleitos como verdadeiros, em seus usos sociais do mesmo. Nesse sentido, a fim da utilidade que se busca atribuir a determinado regime de pensamento, selecionam-se os esquecimentos necessários, ou seja, que diferenças e diferenciações ocorrem nas dinâmicas de produção destes modos de existir e pensar serão retirados de evidência. Vê-se, por exemplo, o invocar a Natureza e a Sociedade, afim de trazer estes fantasmas a assombrar determinados territórios, sendo a Natureza/Sociedade enunciadas como originária dos fatos, ou deturpadora destes (LATOURE, 2011). Se essas entidades, Natureza/Sociedade, fantasmagóricas, colocam-se como originárias dos fatos, produz-se a noção de que os fatos são fatos em si. Então, retornamos à Ciência como algo pronto e acabado, que se divide em estudar a Sociedade ou a Natureza – desinteressada e desinteressante, esfriada pela essencialidade, entes purificados.

Essa inclinação dar-se-á por uma vontade de seguridade e de conservação. Precisa-se de algo estável, frio e ordenador para ser seguido. Quer-se a seguridade de uma vontade una a ser seguida, guiada por um sacerdócio, que institui um código de condutas a ser seguido de acordo com sua Verdade. Para isto, a lógica de uma entidade fantasmagórica, que é origem e fim de todos os fatos que são *revelados*, é atraente, uma *metaphysis*, um ente morto que guia a vida para não nos responsabilizarmos por ela (NIETZSCHE, 1974; 2012).

Não digo aqui que não devemos considerar a naturalização, a socialização e as discursividades, mas recorro a esses como processos, sempre em curso, em (de)composição – e não como origem, casualidade ou produto. Destarte, a naturalização e a socialização seriam apresentadas como investidas de construção-instituição de regimes de verdades, em sentido epistêmico, que considerarão como naturais determinados aspectos à medida que produz o anormal, que atribui outros como sociais, ao passo que produz o não-social, que ao produzir discursos produz também as coisas (FOUCAULT, 1986; 1999).

Nestes processos – naturalização, socialização e produção de discursividades –, ao recorrer as dinâmicas de produção, em movimentos, agenciamentos, *actos*, não se têm sujeitos e objetos, natureza e sociedade, têm-se hibridizações, associações, derivas (LATOURET, 2013a), *ciborgueamentos* (HARRAWAY, 1991; 2009), em que se produz mediadores em (des)estabilização, nunca entes purificados. Retornamos, então, portanto, as ciências voltadas às “[...] zonas de trânsito” (WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001, p.18), à movimentação, permitindo olhar a essas em sua multiplicidade de práticas, valores, estilos e políticas, atravessadas por relações de saberes-poderes, rejeitando organizações rígidas e ressentidas (GROSSBERG, 2012; RESTREPO, 2012). As ciências, nesse sentido, transformam-se novamente em entidades quentes, interessantes, políticas, estéticas e éticas e, (des)(re)corporificam-se contingencialmente, sendo os ensinamentos partes constituintes das (des)(re)corporificações, visto que estes constituiriam de movimentos de afetar para os perceptos das diferenciações (LATOURET, 2008; NIETZSCHE, 2007c; 2017a) – para isso é preciso exorcizar os entes metafísicos da Natureza e da Sociedade que aprisionam esta possibilidade de proliferação de *actantes*.

As primeiras marteladas, os primeiros exorcismos são lançados à Sociedade e à Natureza – e com essa, esfacela-se a falsa ideia de mundo sem homens e homens sem mundo, esfacela a dicotomia corpo e mente... Talvez, ainda ficaria a questão: “Mas o que importa tal martelada aos ensinamentos de ciências?”, e talvez não seria neste trabalho possível esgotar as possibilidades de usos e de “importares”, mas trazer alguns fios de possibilidades: i) a percepção dos entes enquanto elementos não separáveis se não por um investimento nos faz rever as práticas de desarticulação e articulação dos “seres” para os quais lançamos o olhar, para os “saberes” que nos ocupamos nas “ciências” e nos “ensinamentos” mobilizados por estas; ii) tal martelada nos faz compreender ao invés de sujeitos-objetos nas ciências-ensinamentos, compreendermos como as hibridizações se fazem nestes (des)territórios, como as próprias ciências-ensinamentos (se é que podemos utilizar do artifício de linguagem do “próprio”) se compõem a medida que seus híbridos se fazem, - e esta epistemologia é política e composicionista; iii) a compreensão dos dualismos e monismos enquanto projetos das-nas-com as ciências-ensinamentos, faz com que os agentes e agências percebam as produções e os “custos” dos saberes-poderes-verdades mobilizados nestes processos; iv) a compreensão de que as intersecções das composições e produções das ciências-ensinamentos representam constructos-construções de como a instauramos em processos incessantes e sobre quais ciências-ensinamentos outros são instaurados e seus atravessadores-localidades; v) compreender as pedagogias, agentes e agências híbridos é compreender que os processos mobilizados nas ciências-ensinamentos dizem sobre quais *hybris* produzem-se, repetem-se, rarefazem-se, reprime-se, excluí e/ou proíbe; e a lista continuaria (e não se esgotaria)... Mas é preciso de outras marteladas...



## 4 Ciências e políticas: saúdes e adoecimentos

Se arrisco pensar que a nebulosidade das separações binárias – que evocam fantasmas, entidades púricas e essencializadas – são deslocamentos acorrentadores que esfriam e ressentem o pensar as ciências; faço-o considerando que as ciências – e os ensinamentos – passam por uma história trágica. Esta história trágica envolve, reflete a produção de uma máscara, uma imagem, uma percepção, na qual a semiose moralizante nos faz voltar nossos olhares a uma Ciência. Como toda moralidade que adocece<sup>7</sup>, essa mata a possibilidade criativa, de multiplicidade e diferenciações – visto que necessita de uma máscara fixa, com dois polos opostos, definidos por forças transcendentais (NIETZSCHE, 2007a; 2012; LATOUR, 2013; 2017).

Nesse modo, a moralidade nutre-se da produção de rebanhos ressentidos<sup>8</sup>, adoecidos, que agenciam sua vontade e conclamam por ordem fixa e imutável – visto sua impotência<sup>9</sup> –, as possibilidades tornam-se estagnadas, encrudescem, são carcaças de cracas endurecidas no casco de um navio após serem pulverizadas por tintas tóxicas. A tentativa desse agenciamento de vontades ser aparentado como único e verdadeiro, centra-se na óptica de que as entidades míticas que regem o culto da Vida não se envolvem com políticas (NIETZSCHE, 1974; LATOUR, 2011; 2012; 2013a; HARAWAY, 1991; 1995; LENOIR, 2004). Para os ressentidos no sacerdócio da Ciência, que trocaram a entidade Judaico-cristã ocidental que reinava, amando apenas os da proximidade pela entidade Racional – ambas tem em comum que seu Deus é Homem, Branco, Ocidental, Cisgênero e Heterossexual (se é que este Deus conhece as últimas inscrições que compõe seu uno-triádico); sua imagem e semelhança –, seus aparatos de acesso a verdade essencial garantiriam o acesso a Verdade através de mecanismos de veridicção e da objetividade produzida em seus discursos-enunciados (FOUCAULT, 2005), suas máscaras (NIETZSCHE, 2007b; 2009; 2012), suas redes (LATOUR, 2013b). Cada culto apresentaria seu modo de veridicção, seu regime de objetividade, seu modo de existência. Este *modus* de veridicção consiste no operante de instituir uma validade a determinado saber, ao seu processo de construção e quais as demarcações são dadas para atribuir uma legitimidade a esse modo de

<sup>7</sup> Para Friedrich Nietzsche (1974, 2009) a constituição da moralidade consiste em fixar significados e valorações para os modos de existir. Esta fixação não apenas impede que outros modos de existência sejam instaurados, mas buscam eliminar qualquer possibilidade de diferenciação via movimentos de dizer Não a diferença. Este processo de fixar o pensamento e evitar extravasamentos, hermenêuticas, modos outros de existir é o ato de acorrentar a vontade, asfixiá-la, de adoecê-la.

<sup>8</sup> As produções de moralidades encontram-se alinhadas a fixação de saberes, significados e valorações, estas insurgem de uma crença no transcendental, como apontado por Friedrich Nietzsche (2009). Essa transcendente comunica-se por um sacerdócio. Aqueles que são capturados e se despotencializam – no sentido de deixar de ter potência para criar e proliferar a diferença – transformam-se em parte deste rebanho. À medida que pertence ao rebanho e seu ato (de)criativo torna-se o dizer Não ao Outro, as diferenciações – pois toma o Outro e as diferenças como mal a ser combatido – este rebanho torna-se ressentido. Todo conclave por uma transcendentalidade, negando as experiencialidades na imanência, é característica destes rebanhos.

<sup>9</sup> De um olhar Nietzscheano (1974, 2007a, 2007c, 2009, 2012, 2017b) e também de uma perspectiva Deleuziana (1976), o ressentimento é impotente, visto que o conceito de potência encontra-se mais interligado com a característica da produção-proliferação das diferenças e das singularidades do que com a manutenção de um *modus* de existir.

constituir saber, pensar e existir (LATOURE; WOOLGAR, 1997; LATOUR, 2013b). Essa operação de estabelecer um veredicto encontra-se inclinada a uma tecnologia do olhar (HARRAWAY, 1991; 1995), ou seja, em um olhar para quais as condições discursivas permitem que determinado saber seja constituído (FOUCAULT, 1996; 1999; 2005) e para como determinada óptica no presente reconhece esse ou aquele pensamento, como um modo encontram-se lídimos.

Essa veridicção encontra-se atrelada à processualidade, à possibilidade de articulação de agentes que não necessariamente operariam no mesmo engendramento (LATOURE, 2013b; FOUCAULT, 1996; 2005). Todavia, esse estatuto de verdade torna-se autêntico à medida que se faz (NIETZSCHE, 1974; 2012) um saber reconhecido, operável e alinhado às vontades. Às essas vontades, as composições são cruciais. Alguns produzem seus veredictos sob as associações de livros, velas, cânticos, crucifixos... Outros, microscópios, corantes, sequenciadores de DNA... Esses modos de veridicção teriam, cada um do seu jeito, suas roteirizações de como utilizar cada um destes itens. Às esses sacerdotes, o rito organizado garantiria o acesso à Verdade e ao ser seguido à risca, com fé, distancia-se, assim, da política.

Esse operante de separação da Ciência das políticas é produtor de opacidades, busca afastar a Verdade-Ciência, ou melhor, a Ciência-Verdade dos *interessamentos*, das políticas, das retóricas – compreendendo retórica como as políticas dos convencimentos. Nesse sentido, a tentativa de produção binomial que separa Ciência de Política consiste em uma Política de purificação, resfriamento, acorrentamento, adoecimento... Essa própria tentativa divisional encontra-se configurada em uma perspectiva por si só política – em um sentido de *ethos*, de disputas, guerrilhas e trações, a fim de instaurar sua Ciência como mais científica e pertinente que outras (LATOURE, 2017), uma política de despolarizar os corpos dos saberes científicos.

A separação entre Ciência e Política passa a operar com o esquecimento do agir político do outro, como um saber que opera pela lógica do contaminado-contaminantes, infectado-infectante e pela busca de requerer e fundar um estatuto de verdade (FOUCAULT, 2005; 2014; 2015) num cenário de guerra, acusações e eliminações (LATOURE, 2013b). Ao buscar instaurar-se como uma Verdade maior, como a Cultura maior, lança suas toxinas e cria um cenário adoecedor (NIETZSCHE, 1974; 2007b) – este adoecimento dar-se à medida que as toxinas, as forças reativas separam os corpos daquilo que eles podem (NIETZSCHE, 2009).

Meu olhar para as ciências, aos corpos científicos, verte-se em uma política de não despolarizar os corpos – sejam “científicos” ou de outros campos de saberes. Destarte, reitero a necessidade de uma (re)memoração, não na perspectiva de lembrar algo de uma história linear, mas de olharmos as marcas registradas nas produções de narrativas-enunciações-discursividades (FOUCAULT, 1986; 1999; 2005; 2014; 2015; NIETZSCHE, 1974; 2009; 2016), de compreender esses corpos – das ciências-educações, dos modos de subjetivação, dos corpos-Eu – como coletivos em seus atos de afetarem-se (LATOURE, 2008; 2011; 2012). As produções de narrativas-enunciações-discursividades, bem como as alianças, afetações e sensibilizações são processos políticos.

Ao martelarmos lançarmos nossas flechas (NIETZSCHE, 2017a) à suposta dicotomia Ciência-Política e, esfacelarmos essas, os cacos tornam-se indistinguíveis – corpos matéria-energia, corpos múltiplos, singulares, que se bagunçam, hibridizam-se, fusionam-se. Ao invés de uma Ciência-Verdade maior, voltamo-nos às ciências-verdades múltiplas, plurais, menores-minoritárias, (sub)mundanas... Essa mobilidade-modalidade leva-nos a reconhecer que esses saberes se produzem com regimes próprios de veridicções, escalonações e referenciações – tem seus próprios quadros de referência em produção instável, coletiva, (des)contínuas, processuais, em devir-diferenciação... Diferenciação, à medida que produz singularidades em seus processos, que foge a instrumentos de padronização, normalização e normatização.

Desse modo, os corpos passam a ser tratados como corpos em movimentos, ou melhor, como corporificações sempre em caotização e organização (NIETZSCHE, 1974; 2012), como *actos* criativos, inventivos, de um mundo comum – uma gaia – (LATOURE, 2008; 2013b), que faz uma nova aliança, entre ciências-políticas-culturas (STHENGERS, 2002).

Inspirado em Bruno Latour (2011; 2012; 2013b), vejo que essas corporificações, aparentam ser corpos em suposta estabilidade, à proporção que estabelecem redes de sucesso, em que interesses de múltiplos atores, humanos e não humanos, são mobilizados, recrutam-se, estabelecem alianças e compõem um corpo como tal. Esses interesses, vontades, mantêm-se em movimentação, em esforço, em negociação, para que determinada composição-corporificação se mantenha engendrada – em estabilização. Ela aparenta estar estável, mas, na verdade, uma política opera nos agenciamentos dos *interessamentos* para manutenção desse corpo como uma política vigente.

Essa rede pode proporcionar generalizações boas à medida que proporciona a composição de um corpo cada vez mais complexo, mais relacionado, com mais possibilidades de articulações, ou generalizações más, quando estagna, sedentariza, torna-se tautológica (LATOURE, 2008; STHENGERS, 2002) – esses processos envolvem políticas dos esquecimentos e opacidades para produção de más generalizações, bem como, políticas da diferenciação, de afetação e de proliferações de potencialidades-caoticidades, no caso das boas generalizações.

Não tenho dúvidas, ou talvez as tenha por demasia, de que um investimento tem sido realizado para buscar arrastar as corporificações das ciências – e dos ensinamentos – ao campo da vida, à produção de biofilias, das vontades, das proliferações de potencialidade. Nesse arraste, multiplicamos o pensar em generalizações boas ou ruins, bem articuladas ou mal articuladas, em redes de sucessos ou de fracassos...

Arrisco, então, a adicionar na política de não despolitizar os corpos, o pensar em ciências de saúdes e de adoecimentos. Dessa forma, mobilizo, nessa textualização, o interesse de dedicar essa política aos adoecidos, àqueles que desprezam os corpos, que os depreciam, “[...] Pois não sois mais capaz de criar para além de vós” (NIETZSCHE, 2016, p.53). Ou seja, não conseguem se não reproduzir o igual – nesse tocante, é ressentido, à proporção que diz *não* a diferenciação e assim não cria, apenas investe sua energia na repetição da padronização.

Imaginemos o quão impotentes são os corpos impotentes de viver em um mundo povoado por diferenças-diferenciações e incapazes de crias políticas de pluralização? Imaginemos o quão são impotentes aqueles que necessitam depreciar as políticas de pluralização? Imaginemos o quão impotentes são os que depreciam as diferenças?

Em contraponto, a política da não despolitização dos corpos – das ciências, ensino, indivíduos, populações, ecologias – é como um deslocamento desses mesmos corpos em redes, máscaras e estatutos, pois suas composições dão-se nos fluxos de interesses, vontades, estilísticas, éticas, potencialidades. Então, arrastar as ciências e os ensinamentos para a reflexão de modos de existências (LATOURETTE, 2013b; NIETZSCHE, 1974; 2012) diferenciados faz-se necessário para que pensemos seus modos de consolidação, a produção de fatos, arranjos e a maneiras como visibilizam modos de produção do fazer ciência e do ensinar ciência.

Reiteramos a questão que nos sonda desde o início deste texto: “Mas o que importa tal martelada aos ensinamentos de ciências?”. E mais uma vez, sem pretensão de esgotar tal questionamento, situaria algumas possibilidades: i) o ato de operacionalizar políticas de despolitizar as ciências-ensinos, coloca-nos a evocar a Política enquanto uma entidade transcendental que desvincula as ciências-ensinos do plano da vida, da contingencialidade e do que está-sendo – se hoje levantam-se as lamurias de “ciências-ensinos” descontextualizados e que se afastaram das comunidades, isto talvez seria um sintoma da política de despolitização; ii) as ciências-ensinos trabalham com chaves conceituais, com sínteses e atos nomeativos que operam enquanto instrumentos-ferramentas de hermenêuticas-composições das condições existenciais, se operadas por uma política da despolitização tais conceitos tornam-se descontextualizados e produzem separações de mundo produzindo um sintoma de que os sujeitos “vivem em realidades distintas”, que “os conceitos não funcionam”, que não se consegue “operar os conceitos” ou que estes estão “superados, anacrônicos e devem ser abandonados”, esquece-se assim no despolitizar-descontextualizar de que políticas-contextualizações são condições para os conceitos como atos de criação; iii) a política de despolitizar as ciências-ensinos modalizam a operação destes campos-territórios-agências de modo a desemplicar-los das dimensões éticas-estéticas, diz-se com isso de que se tratamos ciências-ensinos como despolitizados, retiramos deste campo as responsabilidades de seus efeitos e maus estares produzidos, insensibilizamos os ensinamentos e ciências; iv) a política de despolitizar as ciências-ensinos colocam tais campus em um cenário paradoxal (distinto dos campos das controvérsias, que admitiria a contraditoriedade em sua lógica paraconsistente), que faz com que a Ciência e o Ensino de Ciências seja ora expurgado de tocar nas questões do mundo-mundanas (para manutenção de sua suposta sacralidade despolitizada) e ora tenha o “desejo” de participar da cena pública para substancializar-fundamentar tomadas de decisões e políticas públicas, digo, quando opera-se uma política de despolitizar as ciências-ensinos a mesma torna-se expurgada e presenteia aos “conclamantes” da Política o poder de evoca-la a seu bel prazer; v) se formos ainda fazer o recorte ao cenário nacional brasileiro, a política de despolitizar as ciências-ensino tem ainda por efeito produzir sua própria desfundamentação, ao passo de que a educação para formação cidadã, característica do desenho constitucional, prescinde a implicação das ciências-ensinos enquanto força de sua composição dos fazer-se

políticos... Como disse, não conseguiria aqui classificar (e nem desejaria) e esgotar as possibilidades de leitura, e preciso ainda lançar outras marteladas.

## 5 Quase-Ensinos, Quase-Ciências!

Ao pensar ensinamentos múltiplos para as saúdes, para além dos acorrentamentos, propomo-nos também esfacelar(mos) as adoeedoras dicotomias de Sociedade e Natureza, de Ciência e Política. Esta produção é produto de uma condição de observação localizada, ou seja, descrições que compõem esses esfacelamentos a partir de minha percepção em movimento, movimentos de aproximações desses supostos polos, do interesse de hibridizá-los, como movimentações necessárias para política de despolitizar os corpos. Acredito que para que esta permita fluxos pulsantes, interessantes e em intensidades, recorro também a marteladas em outra dicotomia que tem aprisionado as existências: a dicotomia Ciência e Ensino.

Tenho me deparado, em meu percurso, pelo que chamamos de campos de saberes dos ensinamentos e das educações, uma grande preocupação com criações de mecanismos, de instrumentais que se focam nas perguntas de: Como ensinar? Como avaliar? Como constituir currículos? Como construir um projeto pedagógico que viabilize uma aprendizagem que signifique algo aos estudantes, que os emancipe, que modifique estruturas – econômicas, culturais e linguísticas? (SILVA, 2015; GOODSON, 2008; ARROYO, 2015) ... São muitos os “como’s” que colocam o ensino como um processo de pensar instrumentalizações, composições e aplicações de modos de *alfabetizar o outro cientificamente* – alguns enfocam-se nos processos pelos quais se produzem ações e suas associações com os planos das vontades.

Aparenta-me que as ciências são vistas, nessa vertente, como um campo de construção de saberes em laboratórios, instituições de pesquisas, em espaços destinados a produção dos *Saberes Científicos*, por personagens legitimados para a produção dessa – os autores e localidades que legitimam o saber (FOUCAULT, 2005). De outro lado, um conjunto de educadores-pesquisadores que criam modos para que esses Saberes Científicos sejam veiculados, disseminados, traduzidos e aprendidos no espaço escolar. Como dois polos separados, purificados, distintos, são colocadas: a Ciência dos saberes produzidos sobre o funcionamento-funcionalidade dos fenômenos e, o Ensino, perguntando-se sobre quais método(logia)s deverão ser empregados para *melhor ensinar, melhor compor currículos, melhor avaliar*. Neste tocante, torna-se comum as indagações como as de nossa amiga, “Mas, e o ensino de ciências?”, quando propus analisar os processos de apreensão dos modos de corporificação, de (des)(re)produção de corpos na virtualidade, dentro de um programa que presta-se a pensar os ensinamentos de ciências e as educações matemáticas.

Meu olhar volta-se às ciências e aos ensinamentos como práticas culturais que são analisadas, organizadas, selecionadas e legitimadas como ensinamentos e/ou ciências sob critérios de demarcações. Tais critérios operam como delineações de identificações, de fixação de categorias e apelam a um quadro de referências que estabelece os mesmos e seus funcionamentos



Destarte, vê-se que os processos de demarcação dos polos ciências e ensinos tornam-se arte-fatos conforme criam essa suposta separação. Nesse tocante, Bruno Latour (2011; 2013a) me inspira ao propor que esses polos não se encontram separados. Nunca se encontraram, mas, sim, apresentam-se em íntima relação, hibridizam-se cada vez mais. À medida que as práticas requerem para si o carimbo da cientificidade Maior, falando de seus métodos, laboratórios, equipamentos, alvarás, fomentos, esses difundem-se na produção de representações que atravessam os corpos e os afetam, os compõem ao passo que produzem sentidos – esse processo comporta-se como uma pedagogia, como um *ensinamento*. Enquanto os campos que se dizem de ensinos, evocam (multi)instrumentalizações, teorias de aprendizado, filosofias da educação, documentos curriculares e, arrastam conceitos *científicos* para formular atravessamentos de currículo-ensino-aprendizagens-avaliações, eles utilizam o substrato das ciências para operar *ensinamentos*. Seria então possível, neste movimento, pensar ciências e ensinos separados? Acredito que não, que nos esforçamos para manter esses polos em separata, purificados, como campos distintos, operando pelo esquecimento (NIETZSCHE, 1974; 2007c), produção de quadros de referências (FOUCAULT, 1986; 1999) e pela ideia de que estes campos são redes estáveis (LATOURE, 2012).

Nunca chegamos a estabilidade dos ensinos-educações como campos separados das ciências. Os ensinos das ciências já se mostram composições, compreendê-los como um espaço que nos possibilitam percepção de mundo, espaços para produções de múltiplas tecnologias, mostra-se um rico substrato. Todavia, pensá-los em únicos, operantes como produção de maquinarias para propositivas estruturadas e fechadas em salas de aula, parece-me adoecedor, no sentido Nietzscheano do termo (2007a; 2007c; 2009), que opera como algo que nos acorrenta, que nos tira potência, que sedentariza os modos de pensar e os coloca para operar como correia de produção operante em um único sentido e lógica – eleitos, claramente.

Arrisco a dizer que tal lógica se inclina ao requerimento de um estatuto de mais cientificidade para o campo dos ensinos-educações para as ciências. Um querer arrastar os ensinos-educações para as ciências a um campo do Maior (LATOURE, 2011), forçando sua institucionalização e a produção de cartilhas de modos de condutas que permitam uma educação mais significativa, mais ativa, mais emancipadora... Um suspiro desesperado e que requer esforço contínuo para manter-se, aparentemente, com uma suposta *estabilidade*, requerida pelos saberes Maiores. Esta lógica, de requerer estatuto de Maioridade – de mais cientificidade – a si, a meu ver, movimenta-se por uma lógica: ou ressentida ou nobre. Lógicas moralizantes que ou requer um *dizer Não* a outros modos de pensar os ensinos-educações para as ciências, ou operacionalizam-se por uma lógica do *dizer Sim a si mesma*, reconhecendo o Outro como um possível, mas vendo-se como melhor modo que o Outro (NIETZSCHE, 1974; 2009).

Em minha política de não despolitizar os corpos, opto pela lógica da mascarada; a caoticidade que compreende o mundo como mundo-vida-existência que bailam na saturnais (NIETZSCHE, 2013; 2016) e nos permitem incorporar a potência da máscara, transmutar os sentidos dos bailes e das ordens reinantes, criar diferenciações mais coloridas, mais diversificadas, caleidoscopias, desestabilizadoras. Nos feixes traçados e emaranhados pelos

artistas estudantes que compõem o cotidiano das escolas, universidades, locais de produção dos saberes autorizados, os *interessamentos* das ciências e de seus ensinamentos são outros. Formam redes instáveis, em constante composição e agenciamentos em quase ciências, quase-ensinos que se juntam ou se separam na inconstância das negociações.

Este conjunto de feixes traçados requerem um esforço, um contínuo jogos de *interessamentos*, de produtos (in)orgânicos que as mantêm em conjunto. Como feixes traçados formam redes, estas redes sempre se encontram instáveis, em composição, requerendo sempre a atuação de diferentes agências(do)s: mascar(iz)ando-se (LATOURE, 2012). Se encontram instáveis, em composição, em movimentos de (des)(re)organização, em mascaradas e mascarando-se, temos processos de quase-ciências, quase-ensinos; ou melhor, quase-ensinos-ciências. Temos o esforço político de manter determinados campos juntos ou separados.

Esforço-me aqui, posicionando-me politicamente, que esses corpos e máscaras são hibridações diversas a proliferar em suas diferenças. Elas não se preocupam com seu estatuto de Maioridade – em requerer para si um patamar maior de cientificidade, mas são simetrizadas como uma diversidade de outros (im)possíveis. Vejo os quase-ensinos-ciências operacionalizando-se e produzindo corporificações em revistas, telejornais, músicas, games, *blogs*, canais do *Youtube*, *WhatsApp*... Vejo-os como quase-ensinos-ciências que se deslocam em minoridade – não requerendo para si um estatuto de cientificidade maior que o de outros campos de saberes, mas, sim, operando nas contingências-localidades em que são criadas. Vejo que esses quase-ensinos-ciências são vistos como infernais para aqueles que requerem para si o estatuto de Maior, de mais científico, frios, sedentários, acorrentadores e adocedores. Vejo, então, que deverei descer ao inferno para procurar as mascaradas.

Este ensaio-manifesto é um convite, a pensar outras epistemologias possíveis para as educações, para os ensinamentos, para as ciências... Este ensaio-manifesto é o lançar de marteladas para que repensemos a Ciência e o Ensino, pensemos de modo articulado os ensinamentos-ciências e as ciências-ensinos e para isso guemos os modos de fazê-lo por meio de marteladas e mascaradas, orientados por uma política de não despolitizar as ciências-ensinos, do permanecer nos quase-ensinos e quase-ciências.

## Referências

- ARROYO, Miguel Gonzales. Os movimentos sociais e a construção de outros currículos. **Educar em Revista**, 55, 2015, p. 47-68.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **As verdades e as formas jurídicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: NAU, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. In: BRITO, Maria dos Remédios; GALLO, Silvio. (org.). **Filosofias da diferença e educação**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016, p.15-46
- GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GROSSBERG, Lawrence. Existe lugar para os intelectuais no novo radicalismo? Três paradigmas. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (org.). **Estudos Culturais e educação: desafios atuais**. Canoas: Ed. ULBRA, 2012, p.21-66.
- HARAWAY, Donna Jeanne. **Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature**. New York: Taylor & Francis Group, 1991.
- HARAWAY, Donna Jeanne. **Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, v.6, 1995, p. 7-41.
- HARAWAY, Donna Jeanne. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

DOI: 10.46667/renbio.v16i2.1179

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: ROQUE, João Arriscado Nunes Ricardo (org.). **Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Porto: Afrontamento, 2008.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: EDUFBA, 2012; Bauru-São Paulo: EDUSC, 2012.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2013a.

LATOUR, Bruno. **Investigación sobre los modos de existência**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013b.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LENOIR, Timothy. **Instituindo a ciência: a produção cultural das disciplinas científicas**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. 2.ed. São Paulo: Editora Escala, 2007a.

NIETZSCHE, Friedrich. **O livro do filósofo**. São Paulo: Editora Escala, 2007b.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Editora Escala, 2007c.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Editora Escala, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo.** São Paulo: Companhia de bolso, 2017a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro.** São Paulo: Lafonte, 2017b.

RESTREPO, Eduardo. Estudios culturales y educacion: posibilidades, urgências y limitaciones. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (org.). **Estudos Culturais e educação: desafios atuais.** Canoas: Ed. ULBRA, 2012, p. 87-100.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo.** 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TENGENS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas.** São Paulo: Editora 34, 2002.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Recebido em setembro de 2023.  
Aprovado em novembro de 2023.

Revisão gramatical realizada por: Rivana Zaché Bylaardt  
E-mail: [rivana.zache@ifes.edu.br](mailto:rivana.zache@ifes.edu.br)